

Sarney promete no Rio

“vencer qualquer crise”

RIO
AGÊNCIA ESTADO

“O povo brasileiro tem testemunhado o meu esforço tremendo para que, o mais breve possível, o País possa retomar à sua confiança e à certeza de que nós venceremos qualquer crise, e vamos vencer”, disse ontem o presidente José Sarney, durante um encontro rápido com os jornalistas a bordo do porta-aviões *Minas Gerais*, que visitou durante cinco horas e meia.

Sarney desembarcou no Rio no início da manhã e foi conduzido em uma lancha até o porta-aviões, onde assistiu a demonstrações navais em companhia do ministro da Marinha, almirante Henrique Sabóia; do comandante do I Distrito Naval, almirante Valbert de Figueiredo; dos oficiais-gerais do Almirantado e de cinco outros ministros: Roberto Gusmão, Olavo Setúbal, Bayma Denys, Renato Archer e Aloísio Pimenta.

O presidente da República assistiu, ainda, a demonstrações de imersão do submarino *Humaitá*, construído na década de 70 pela Inglaterra, e da operacionalidade da fragata *Defensora* — este navio de guerra tem, no seu sistema de armas, os mísseis *Exocet* (francês), *Ícara* (australiano) e *Sea Cat* (britânico). Mas nenhum deles foi lançado, por medida de economia.

O presidente viu também manobras de transferência de marinheiros do porta-aviões *Minas Gerais* para o contratorpedeiro *Rio Grande do Norte* e vice-versa, bem como exercícios aéreos, feitos pelos aviões bimotores *P-16E*, da Força Aérea Brasileira, e de helicópteros *SH-3* e *SH-3A*, da Marinha.

A Marinha colocou helicópteros Es-

quilo à disposição dos cinegrafistas e fotógrafos durante as demonstrações navais. O único problema ocorreu quando um fotógrafo subiu numa caixa de munição que seria usada em seguida na salva de tiros promovida durante as honras militares prestadas ao presidente da República, o que contrariava as normas de segurança do navio de guerra. O assessor de relações públicas do I Distrito Naval pediu ao fotógrafo que descesse da caixa de munição e houve um pequeno incidente, com o jornalista se recusando.

MOTIVO DA VISITA

Antes de deixar o *Minas Gerais*, para embarcar na Base Aérea do Galeão para São Paulo, o próprio presidente José Sarney explicou o motivo de sua visita: “Na seqüência dos procedimentos que tenho adotado no sentido de cada vez mais mergulhar nos problemas da administração pública, depois de ter visitado alguns Ministérios da área civil, a partir de quarta-feira comecei a visitar o Ministério da Marinha. Discutimos os problemas administrativos e agora estamos em uma fase de



Foto Fernando Bueno - Telefoto Estado
Sarney, no “Minas Gerais”

acompanhar problemas operativos da Marinha de Guerra do Brasil”. Segundo Sarney a visita foi extremamente útil. “Saímos daqui revigorados por verificar o trabalho, o patriotismo, o alto espírito público e o adestramento da Marinha de Guerra de nosso País — afirmou. Todos nós lutamos com a falta de meios e com a falta de recursos, mas isso não tem sido motivo para que se reduza a eficiência da Marinha, como nós hoje conseguimos verificar, na visita que acabamos de fazer, não só neste navio, como também nos exercícios a que assistimos, nos outros navios que nos acompanharam.”

Durante a entrevista do presidente Sarney, houve um tumulto no interior do porta-aviões *Minas Gerais*. Mesmo após o aviso do porta-voz do Palácio do Planalto, Fernando Cesar Mesquita, de que o presidente iria apenas fazer uma rápida declaração, em consideração à espera de cinco horas e meia dos jornalistas, mas que não poderia dar entrevista, pois tinha um compromisso em São Paulo, Sarney foi cercado pelos repórteres, fotógrafos, radialistas e cinegrafistas. Um gravador quase bateu no seu rosto e o ministro Henrique Sabóia foi atingido — uma platina de almirante-de-esquadra acabou arrancada de seu uniforme.

A visita do presidente ao *Minas Gerais* contou também com a presença de oficiais-gerais do Almirantado: Arthur Ricart da Costa, chefe do Estado-Maior da Armada; Walter de Faria Maciel, secretário-geral da Marinha; Luiz Leal Ferreira, comandante de Operações Navais; Bernard David Blower, diretor-geral do pessoal; e Mário Hermes, diretor-geral do material.

Aplausos e protestos em S. Paulo

Ao receber, ontem, na presença do presidente da República, o troféu “Juca Pato”, por ter sido escolhido “Intelectual do Ano” pela União Brasileira dos Escritores, o senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que o Brasil é um país “cuja potencialidade de prosperidade não pode continuar a ser maculada pela injustiça e pela desigualdade que nos circundam”.

A entrega do prêmio aconteceu no Teatro Sérgio Cardoso, onde, além dos aplausos, também houve protestos: funcionários demitidos do Correio e da Prodesp levantaram faixas e gritaram palavras de ordem contra o governo. Uma das faixas dizia: “Correio-Estatal. 300 demitidos. Onde está a Nova República?”

Várias vezes, durante os discursos, esses manifestantes gritaram. Numa dessas ocasiões, uma voz de homem afirmou: “Jânio vai ganhar”, o que provocou protestos e um início de vaia da platéia de convidados de Fernando Henrique Cardoso.

Compuseram a mesa, além do presidente José Sarney e Fernando Henrique Cardoso, o governador Franco Montoro, o prefeito Mário Covas, o vice-governador Orestes Quéricia, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, o presidente da União Brasileira de Escri-

tores, Fábio Lucas, o governador do Maranhão, Luiz Alves Coelho, o presidente da Assembléia, Luiz Carlos Santos, os ministros Olavo Setúbal, Fernando Lyra, Roberto Gusmão, Almir Pazzianotto, Aloísio Pimenta, João Sayad e os escritores Lygia Fagundes Telles e Ricardo Ramos.

Do lado de fora do teatro também houve mistura de festa e de protesto, por parte de quase duas mil pessoas. Uma parte era composta por bateristas de escolas de samba, militantes de diretórios de bairro do PMDB, curiosos. A outra, por grupos de desempregados e estudantes da Faculdade de Medicina de Santo Amaro.

DISCURSOS

Ao saudar Fernando Henrique Cardoso, o presidente da UBE, Fábio Lucas, definiu-o como um “analista dos mecanismos subterrâneos da submissão”. Lembrou a atitude de resistência dos intelectuais brasileiros “ao cerco de arbítrio que a ditadura impôs, ao longo dos últimos 20 anos, em que o troféu ‘Juca Pato’ passou a ser, na prática, um troféu à desobediência civil”.

Fernando Henrique Cardoso disse em seu discurso que se considera “sim, um intelectual. Digo-o sem jactância, mas como quem declara sua profissão. Os que algo sabem, neste país, têm um

compromisso inexcusável, o de atuar para que a injustiça que nos rodeia seja transitória”.

Falou de seu período de exílio e das campanhas das quais participou, ao retornar ao Brasil. “Lutei para mudar o Brasil. Lutei ao lado dos grevistas, sim, quando os trabalhadores começavam a mover-se por conta própria, no passado recente, contra o autoritarismo. Lutei para que a condição de vida dos mais pobres melhorasse. Lutei pela anistia. Lutei pelas prisões com Teotônio Vilela”. Depois, disse que luta, agora, “sem pejo disso”, para que a reforma agrária seja uma realidade aceita e compartilhada pelo País, por uma nova legislação social e pela melhoria dos salários.

Ao discursar, o governador Franco Montoro citou Teillard de Chardin e a frase de Milton Nascimento, que “todo o artista deve estar onde o povo está”, referindo-se aos escritores.

José Sarney chegou às 17h40 em São Paulo e, no aeroporto, não entrou no ônibus “Alvoradão”, ou “Francômol”, que deveria transportá-lo até o Palácio dos Bandeirantes. Ele entrou num ônibus comum, da “Alvorada Turismo”, que deveria levar o restante da comitiva, e ninguém soube explicar porque, no Palácio. O presidente conversou com o governador durante cerca de 40 minutos, na ala residencial.

O elogio a Cardoso

Esta é a íntegra do discurso do presidente José Sarney no Teatro Sérgio Cardoso:

“Constitui este um momento bem brasileiro de reflexão sobre os valores do espírito que me honra e alegra: A homenagem merecida que exalta Fernando Henrique Cardoso, homem de valor intelectual e espírito público provados.

Saboreio também, agora, o reencontro com a grandeza cultural de São Paulo, que em 17 de abril abrigou o Congresso Nacional de Escritores, o qual tive a honra de inaugurar.

Neste instante sinto-me, porém, duplamente envolvido, em empatia absoluta com o homenageado e a homenagem que o consagra, homens de letras e homens públicos que somos os dois.

Ninguém põe em dúvida a justeza com que o troféu Juca Pato cabe ao senador paulista, expressão elevada dos estudos sociais do seu tempo — dos nossos tempos —, que com tão aguda percepção soube captar.

Fernando Henrique Cardoso é daqueles paulistas — e não podemos deixar de citar Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Edgard Carone, entre tantos — que nas décadas 60/70 apontaram ao Brasil, em seus ensaios, em termos sociologicamente abrangentes, mazelas que três décadas antes o Juca Pato denunciava em termos e dimensões pessoais, através da *Folha da Noite* de São Paulo.

Não será demais lembrar quem foi Juca Pato, aquela figura que, segundo seu autor, o caricaturista Belmonte, encarnava o representante ideal da justiça e a expressão da luta pela igualdade social. O personagem, atualíssimo, protestou sempre contra as injustiças miúdas do dia-dia que sempre agridem os humildes e despossuídos.

Permito-me também esboçar o paralelo histórico do recado do personagem de Belmonte com a mensagem do nosso homenageado: enquanto Juca Pato, pela pena do seu criador, em charges desabusadas, fez a denúncia dos anos que mediam 1936 e 1946, tempos difíceis do Estado Novo, veio Fernando Henrique fazer, cerca de 30 anos depois, a análise de outros tempos duros, fundado em conhecimentos de cientista político que honra São Paulo e engrandece a Nação.

Entre os agraciados do Juca Pato destacam nomes que balizaram nossa História, como Alceu Amoroso Lima, Erico Veríssimo, San Thiago Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Cora Coralina, e pensadores que marcam nossos passos, como Sobral Pinto e Afonso Arinos de Melo Franco.

E, agora, neste 1985 de tanta riqueza política, de renovação e transformação do País, cabe a Fernando Henrique Cardoso o título de intelectual do ano.

Homem de seu tempo, Fernando Henrique rompeu com a observação pura e simples do cientista para, inconformado, lançar-se ao mar da luta política.

Hoje, são as virtudes do intelectual e homem público, senador da República pelo São Paulo de Anchieta, de João Ramalho, de Fernão Dias Pais, do Movimento Modernista de 22, que me trazem aqui, de novo, para junto da gente que, com o rasgo das bandeiras, rompeu as amarras das Tordesilhas e forjou novas dimensões para o Brasil.

Meu amor a São Paulo vem de longe. Do estudante que buscava na noite a garoa que, em encantamento e lembrança, encontrada na declamação da ‘Paulicéia Desvairada’, de Mário de Andrade, nas noites de boêmia intelectual do Maranhão.

Cresceu nos amigos — dos melhores que a vida me deu, que aqui encontrei. Dos filhos que aqui se juntaram à juventude paulistana nas universidades onde estudaram, no protesto, nas paixões populares da alma paulistana.

São Paulo da evocação dos seus sentimentos, da sua carga histórica, do seu valor humano, do seu destino de grandeza.

Antônio Machado dizia: ‘Ponga amor e sacará amor’.

É este amor por São Paulo que tenho certeza que me protegerá neste caminho difícil para ajudar-me a ajudar o Brasil.”